

Minha experiência de estudos no Japão começou antes da minha partida do Brasil. No início do meu último ano na faculdade, comecei a pensar no que seria de mim após a conclusão do curso. Como queria conhecer novos mundos, resolvi que iria continuar os estudos em outro país, e o escolhido foi o Japão.

Logo no início, descobri que teria que pensar no tema a ser desenvolvido no meu futuro trabalho, assim como encontrar um professor orientador especializado nesse tema. Durante dias contatei várias pessoas, professores e pesquisadores para que aconselhassem este inexperiente aluno a chegar ao Japão.

A primeira fase foi basicamente de contatos locais, com pessoas de vários departamentos da Poli, e a partir de um determinado momento, passei a contatar diretamente o meu futuro professor orientador. Assim, tive que me virar para aprender a escrever num inglês formal, tarefa que nunca tinha feito antes. Além disso, após a aprovação na entrevista, foi necessário traduzir a proposta do projeto de pesquisa para o japonês ou inglês. Eu optei pelo japonês, e para isso contei com a ajuda de um engenheiro nativo, recém-chegado ao Brasil para o

seu curso de mestrado. Dessa forma, consegui atender a todos os requisitos para receber a bolsa. Toda essa experiência foi importante, pois percebi que não conseguimos nada sozinhos, a ajuda de outras pessoas é imprescindível.

Antes de chegar ao Japão, descobri que teria que prestar os exames para o ingresso ao mestrado. Tomei conhecimento das matérias, e passei a revisar o conteúdo programático antes de embarcar. Normalmente, pode-se optar em prestar o exame de admissão em inglês ou japonês, mas ao chegar em minha nova universidade, descobri que a única opção no meu departamento era o japonês. Encarei isso como uma grande oportunidade para melhorar meu japonês, e devo lembrar que o meu japonês na época era equivalente o de um adolescente japonês de 10 ou 12 anos, pois havia aprendido a língua no convívio familiar, e o aprendizado tinha sido reduzido por ocasião de meu ingresso na escola brasileira. Assim, elaborei meu plano, não só para o exame, mas também para o futuro convívio no Japão. Passei os primeiros 5 meses assistindo aulas relacionadas às matérias do exame, memorizando termos técnicos, revisando as matérias em japonês, e realizando seminários juntamente com outros japoneses. Essa última parte foi um trampolim para a melhoria de minha comunicação em língua japonesa, pois passei a conversar com os estudantes nativos diariamente, e a preparar materiais em japonês para os seminários. E finalmente, consegui a minha aprovação para o curso de mestrado.



Morgan e Mituhiro (bolsistas de 1996)

Quanto à vida no Japão, durante os primeiros anos não passava pela minha cabeça o que significavam realmente as diferenças culturais. Assim, fui tendo as pequenas surpresas no dia-a-dia, pois apesar de estar em um novo ambiente, ainda não estava totalmente adaptado às normas do padrão local. Havia algumas coisas que considerava um tanto diferente ou até mesmo absurdas, mas não me importava com seus motivos e origens. Por outro lado, acabava simplesmente classificando alguns costumes como características inerentes dos japoneses, quando na verdade eram características bem semelhantes ao de outras culturas. Essas conclusões, muitas vezes tendenciosas, decorriam do fato de ser mais fácil de ver o que está à nossa frente do que perceber algo relacionado a isso dentro de nós. Um exemplo relevante dessa diferença é o grau de formalidade de uma língua. Tanto a cultura brasileira como a japonesa apresentam formalidades e informalidades, mas com certa variação de grau. No Japão ela é mais aparente, significando que essa forma de uso é bem diferente da encontrada no Brasil. É algo que não pode ser traduzido por dicionários, nem ser lecionado em poucas aulas. Porém, existe uma tendência dos estrangeiros em pensar que a formalidade da língua japonesa pode ser aprendida em poucas horas de aula, pensando que ela deva ser equivalente ao de sua cultura. Isto pode constituir uma fonte de mal-entendidos na comunicação de estrangeiros e japoneses. Com o tempo, comecei a

entender os motivos e as origens dos costumes, como também passei a identificar melhor as semelhanças com outras culturas. Dessa forma, após alguns anos, passei a ter a noção das implicações das diferenças culturais. A vantagem de ter conhecimento de duas culturas distintas é a abertura de visão do mundo, além de um melhor rendimento na pesquisa em decorrência de um bom convívio social com os colegas do laboratório. Não vou me auto avaliar quanto ao meu atual nível entendimento da cultura japonesa, pois isso depende muito mais da qualidade da vida social com os habitantes locais, do que com o tempo de permanência no país. Por isso, não basta apenas estar fisicamente no país, é preciso desenvolver a capacidade objetiva de aprendizado da nova cultura.

Voltando à universidade, após a fase de preparação para o ingresso ao mestrado, não tive grandes problemas com as matérias do curso. Quanto à pesquisa, desenvolvi vários temas no decorrer do tempo. A escolha do tema da pesquisa tem grande influência no destino. Assim como há temas que podem gerar resultados a curto prazo, há temas que levam anos para serem concluídos, e infelizmente, até mesmo aqueles insolúveis. No caso do meu laboratório, uma pesquisa demorava em média dois anos para ser concluída. Uma das maiores mudanças ocorreu no começo de 1998, no início do meu segundo ano de mestrado, quando o governo japonês passou a permitir que professores das universidades japonesas fundassem empresas. O meu professor foi o precursor e fundou uma empresa com o objetivo de dar suporte financeiro aos alunos firmando convênios com empresas, já que muitos estudantes não ingressavam ao doutorado devido à situação financeira. Em outras palavras, os funcionário-alunos passaram a ser remunerados a fim de pesquisar para as empresas. Fui um dos primeiros a ser contratado, pois a lei japonesa da época permitia que o aluno estrangeiro trabalhasse até 4 horas ou mais por dia, dependendo do período do ano. Assim, passei a ter essas duas responsabilidades: uma com a escola e outra com a empresa. Como as pesquisas do meu laboratório eram de longo prazo, qualquer problema significaria perda de meses, e como a responsabilidade com a empresa não permitia atrasos, por mais de três anos houve épocas em que dormia a média 4 horas por noite, isto 7 dias por semana. Enfim, foram tempos de insônia. Vencidos os desafios, a satisfação de ter concluído o curso e de poder desenvolver várias habilidades foi grande. Porém, devo lembrar que o meu caso não é uma regra. Fiz tudo isso simplesmente porque queria, concluindo o curso com artigos além do necessário.



Morgan com seu professor orientador por ocasião da conclusão do Mestrado

Apesar dessa aparente falta de tempo, também tive a oportunidade de conhecer várias regiões do Japão, de norte a sul, dos famosos campos de Hokkaido aos belos mares de Okinawa, tendo sido parte em decorrência de apresentações de trabalho sem congressos e outras, viagens com colegas. Além disso, apresentei meu trabalho em vários países da Europa e da América.

Após a conclusão do doutorado, com os bons contatos e experiência consolidada, fui empregado em uma empresa que me permite desenvolver novas tecnologias enfrentando novos desafios, além de me permitir conhecer várias pessoas.

Estou muito grato às pessoas que me permitiram ter esta experiência, dos professores e pesquisadores da Poli e ao pessoal do Consulado Geral do Japão em São Paulo.

Morgan Hirosuke Miki

Bolsista de Pesquisa (pós-graduação) 1996